al-madan online

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

IIª série #19 (tomo 1) Jul. 2014

Castanheiro do Vento
arquitectura e técnicas de construção

Frutos e Sementes
da Citânia de Briteiros

Arrábida
episódios da investigação regional

O Convento do Torrão
inventário e documentação

CAA
Centro de Arqueologia de Almada

há mais na internet

al-madan

[http://www.almadan.publ.pt]

toda a informação
sobre as edições em papel
à distância de alguns toques

Iª Série
(1982-1986)

índices completos
resumos dos artigos
onde comprar
como encomendar
como colaborar
...

IIª Série
(1992-...)

uma edição

CAA
Centro de Arqueologia de Almada

Capa | Jorge Raposo

Registo da escavação da Lapa da Cova, na Serra do Risco, em Sesimbra. Fotografia © Ricardo Soares.

al-madan online

II Série, n.º 19, tomo 1, Julho 2014

Propriedade e Edição |
Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

Tel. / Fax | 212 766 975

E-mail | *secretariado@caa.org.pt*

Internet | *www.almadan.publ.pt*

Registo de imprensa | 108998

ISSN | 2182-7265

Periodicidade | Semestral

Distribuição | *http://issuu.com/almadan*

Director | Jorge Raposo
(*director.almadan@gmail.com*)

Publicidade | Sofia Oliveira
(*publicidade.almadan@gmail.com*)

Conselho Científico |
Amílcar Guerra, António Nabais, Luís Raposo, Carlos Marques da Silva e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Vanessa Dias, Ana Luísa Duarte, Elisabete Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português), Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem e paginação electrónica | Jorge Raposo

À data em que são escritas estas linhas (meados de Junho de 2014), o percurso da *Al-Madan Online* continua a justificar o esforço editorial do Centro de Arqueologia de Almada e a valorizar o trabalho dos seus colaboradores. Os dados estatísticos da plataforma ISSUU (*http://issuu.com/almadan*) relativos ao último semestre comprovam-no: 162.384 visualizações e 8112 leitores, com predomínio dos portugueses (3033), mas em reflexo de uma clara expansão mundial (Brasil, Espanha, Reino Unido, França, Alemanha, Taiwan, Itália e Bélgica são, por ordem decrescente, as origens dos acessos de leitura mais numerosos). Estes dados são ainda reveladores da impressionante taxa de crescimento e difusão desta solução editorial, se atendermos a que em período homólogo de 2013 os valores registados foram de 22.916 visualizações e de 1616 leitores!

As 200 páginas deste novo tomo digital, um dos mais volumosos para corresponder à crescente procura dos autores, contribuirão certamente para consolidar e incrementar a afirmação do modelo de comunicação científica multidisciplinar que a *Al-Madan Online* materializa.

Apresentam-se reflexões sobre os materiais de construção e a arquitectura do sítio proto-histórico do Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) e sobre as condições de navegação no litoral de Cascais (Lisboa) em Época Romana, a par dos resultados de intervenções arqueológicas realizadas no vale do Sabor (Trás-os-Montes) e no centro histórico de Lagos, que também revelaram contextos pré-históricos e romanos. É ainda tratado um interessante caso de reutilização medieval de um monumento funerário megalítico da zona de Nisa.

A investigação osteoarqueológica está representada pela análise do conjunto ósseo exumado na necrópole medieval identificada aquando da expansão urbana de Serpa, enquanto os frutos e sementes recolhidos na Citânia de Briteiros (Guimarães) justificam uma abordagem carpológica.

Dois estudos incidem em artefactos de pedra polida da região de Avis e nos cossoiros proto-históricos provenientes da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros), dedicando-se outros a historiar a investigação arqueológica realizada na zona da Arrábida (península de Setúbal) e no Alentejo litoral (neste último caso centrando-se especificamente no período islâmico), a inventariar a documentação relativa ao convento franciscano do Torrão (Alcácer do Sal) e a reflectir sobre a evolução da iconografia associada a Apolo nos baixos-relevos e mosaicos antigos e tardo-antigos.

No plano patrimonial, apresentam-se novidades sobre o sistema defensivo medieval de Albufeira e a evolução da frente ribeirinha de Alcochete, complementadas com trabalho sobre José Joaquim dos Santos Pinto, entalhador-escultor da Casa Real de D. Carlos.

Há ainda noticiário sobre edições e vários eventos científicos e académicos, e informação actualizada quanto à actividade de organismos representativos dos profissionais de Arqueologia.

Razões mais do que suficientes para que expressemos votos de boa leitura!

Jorge Raposo

Revisão | Vanessa Dias, Elisabete Gonçalves, Fernanda Lourenço e Sónia Tchissole

Colaboram neste número |
Rui Roberto de Almeida, Marco António Andrade, Rui Boaventura, Maria Teresa Caetano, João Luís Cardoso, João Muralha Cardoso, João Pedro Cardoso, António Rafael Carvalho, Miguel Correia, Cláudia Costa, Ana Cruz, Gonçalo Cruz, Juan Moros Díaz, Glòria Donoso, José d'Encarnação, Maria Teresa Ferreira, António Fialho, Jorge Freire, Rita Gaspar, José António Gonçalves, António Gonzalez, Miguel Lacerda, Miguel Lago, Elsa Luís, Andrew May, Ana Mesquita, Luís Campos Paulo, Franklin Pereira, Inês Vaz Pinto, José Carlos Quaresma, Ana Maria Silva, Sara Simões, Ricardo Soares, João Pedro Tereso e Catarina Viegas

Patrocínio | Câmara Municipal de Almada **Parceria** | Arqueohoje Ldª
Apoio | Neoépica - Arqueologia e Património

Índice

Editorial ...3 ►

Arqueologia

Das Técnicas de Construção à Arquitetura: algumas notas | João Muralha Cardoso ...6 ►

O Abrigo Natural do Lombo das Relvas: um local de enterramento do Neolítico final / Calcolítico inicial? | Rita Gaspar, Andrew May, Clòria Donoso e João Tereso ...25 ►

A Navegação Romana no Litoral de Cascais: uma leitura a partir dos novos achados ao largo da Guia | Jorge Freire, Miguel Lacerda, José António Gonçalves, João Pedro Cardoso e António Fialho ...36 ►

Um Testemunho da *Figlina Scalensia* em Lagos (Portugal): a propósito da grande fossa detrítica da fábrica de salga da Rua Silva Lopes | Rui Roberto de Almeida e Juan Moros Díaz ...44 ►

Perscrutando Espólios Antigos - 2: um caso de reutilização funerária medieval na anta de São Gens 1 (Nisa, Norte alentejano) | Rui Boaventura, Maria Teresa Ferreira e Ana Maria Silva ...60 ►

Arqueociências

Crescimento na Idade Média: contributo de uma série osteológica | Maria Teresa Ferreira ...77 ►

Frutos e Sementes da Idade do Ferro e Época Romana da Citânia de Briteiros | João Pedro Tereso e Gonçalo Cruz ...83 ►

Estudos

Sobre os Conjuntos de Artefactos de Pedra Polida das Áreas de Benavila e Ervedal (Avis, Portugal) | Marco António Andrade ...92 ►

"Nunca a Boa Fiandeira Ficou Sem Camisa": os cossoiros da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) | Elsa Luís ...105 ►

Arrábida: episódios da investigação arqueológica regional (do século XVIII ao século XX) | Ricardo Soares ...113 ►

Estudos

O Convento Franciscano de Santo António do Torrão (1584/1604-1843): inventário da documentação existente no Arquivo Distrital de Beja | António Rafael Carvalho ...123 ►

O Período Islâmico no Alentejo Litoral e na Arrábida: bibliografia básica produzida nos últimos 40 anos (1974-2014) | António Rafael Carvalho ...137 ►

Apolo Ressurecto em Cristo: efulgências de uma iconografia solar | Maria Teresa Caetano ...144 ►

Eventos

Praxis II: a sustentabilidade dos recursos arqueológicos e turísticos em discussão | Ana Cruz ...184 ►

VII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular / / VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Aroche - Serpa, 2013) | Comissão Organizadora do VII Easp ...185 ►

Colóquio Internacional Recursos do Mar e Produtos Transformados na Antiguidade | Inês Vaz Pinto ...188 ►

Cuantificación de Ánforas - Protocolos y Comparativas: principais resultados de outro seminário de êxito do Projecto *Amphorae ex Hispania* | Rui Roberto de Almeida e Catarina Viegas ...189 ►

Congresso Internacional de Cerâmica Tardo-Romana Reuniu em Alexandria (Lrcw5) | José Carlos Quaresma ...191 ►

Património

A Descoberta de uma Torre Medieval da Muralha de Albufeira | Luís Campos Paulo ...155 ►

Elementos Sobre a Evolução Histórica da Frente Ribeirinha de Alcochete | Miguel Correia, António Gonzalez e Jorge Freire ...161 ►

José Joaquim dos Santos Pinto (1828-1912): marceneiro, entalhador e gravador de couros da Casa Real de D. Carlos | Franklin Pereira ...169 ►

Livros

No Limite Oriental do Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz. 4.º volume da 2.ª série das *Memórias d'Odiana*, da autoria de Victor S. Gonçalves: uma apreciação crítica | João Luís Cardoso ...181 ►

Notícias

Património e Cidadania: dos vestígios arqueológicos à acção pedagógica | José d'Encarnação ...192 ►

Disco2014: conhecer os arqueólogos portugueses | Cláudia Costa, Cidália Duarte e Miguel Lago ...195 ►

Os Trabalhadores de Arqueologia Portugueses Já Têm um Sindicato | Ana Mesquita e Sara Simões ...197 ►

Resumo

Apresentação de resultados dos trabalhos arqueológicos realizados no subsolo dos n.ºs 4-8 da Rua Silva Lopes, em pleno centro histórico da cidade de Lagos. Aí se identificou parte de um complexo industrial de Época Romana, destinado à produção e envasamento de salgas de peixe entre os séculos I-II e o século VI d.C.
Aborda-se particularmente o espólio proveniente de uma grande fossa detrítica, contexto estratigráfico onde foi recolhida uma marca aplicada sobre ânfora do tipo Dressel 20, originária da *Scalensia*, um conhecido centro produtor de cerâmica do vale do Guadalquivir (Espanha).

PALAVRAS CHAVE: Época Romana; Salga de peixe; Ânforas; Marcas (de oleiro).

Abstract

Presentation of the results of archaeological work carried out underground at Nos. 4-8 of the Rua Silva Lopes, in the historic centre of Lagos (Algarve). Part of an industrial complex from Roman times was identified, which was dedicated to the production and storage of salted fish between the 1st-2nd and the 6th centuries AC.
The author refers specifically to the assets from a large pit, a stratigraphic context where it was possible to collect a stamp applied on a Dressel 20-type amphora from *Scalensia*, a well-known ceramic production centre in the Guadalquivir River valley (Spain).

KEY WORDS: Roman times; Fish salting industry; Amphorae; Potter's stamps.

Résumé

Présentation de résultats des travaux archéologiques réalisés dans le sous-sol des n°4 / 8, Rue Silva Lopes, en plein centre historique de la ville de Lagos. On y a identifié une partie d'un complexe industriel de l'Epoque Romaine, destiné à la production et conditionnement de salaisons de poissons entre les Ier, IIème et le VIème siècle ap. JC.
On aborde particulièrement la dépouille provenant d'une grande fosse détritique, contexte stratigraphique où a été recueillie une marque appliquée sur une amphore du type Dressel 20, originaire de *Scalensia*, centre producteur de céramique de la Vallée du Guadalquivir (Espagne) connu.

MOTS CLÉS: Époque romaine; Industrie de salaison de poisson; Amphores; Marques de potiers.

Um Testemunho da *Figlina Scalensia* em Lagos (Portugal)

a propósito da grande fossa detrítica da fábrica de salga da Rua Silva Lopes

Rui Roberto de Almeida [I] e Juan Moros Díaz [II]

1. Introdução

O sítio arqueológico descoberto nos n.ºs 4-8 da Rua Silva Lopes, actualmente em pleno Centro Histórico da Cidade de Lagos, tornou-se conhecido em 2002, no decorrer de uma acção de emergência. Entre os vestígios pertencentes a distintos períodos, identificou-se parte de um complexo industrial de Época Romana, destinado à produção e envasamento de salgas de peixe, com um período de laboração compreendido entre um momento impreciso, que pode remontar à 2.ª metade do século I ou aos meados do século II d.C., e os meados do VI d.C.
Na área exterior à fábrica foi possível escavar parte de uma grande fossa de detritos, que continha uma ingente quantidade de cerâmicas, nomeadamente ânforas e cerâmicas finas de mesa importadas. Neste numeroso e diversificado conjunto constava uma marca sobre uma ânfora oleária bética do tipo Dressel 20, originária da *Scalensia*, uma conhecida *figlina* do Vale do Guadalquivir.
Perante os escassos exemplares conhecidos em contextos de consumo no Império Romano, a presente ocorrência na fábrica da Rua Silva Lopes justificava por si só o actual trabalho. Mas o estudo da marca, do elemento epigráfico propriamente dito, aliado e integrado nos dados artefactuais e crono-estratigráficos resultantes da escavação, revela-se, em nosso entender, ainda mais pertinente, na medida em que permite contribuir para o esclarecimento de alguns aspectos e problemáticas particulares.
Paralelamente comentam-se também alguns aspectos que concernem à fossa e ao seu conjunto artefactual, ao complexo industrial e ao início da ocupação romana e da actividade produtiva na actual cidade de Lagos.

[I] Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia / / Uniarq - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Trabalho enquadrado no âmbito do doutoramento em Pré-História e Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, intitulado: "*Ex Baetis ad Occidentem*. O comércio marítimo de alimentos desde o Guadalquivir para a Lusitânia (séculos I a.C.-V/VI d.C.)".

[II] Bolseiro do Projecto EPnet / Ceipac – Universidad de Barcelona. Trabalho enquadrado no âmbito do doutoramento e do projecto ERC Avanced Grant 2013, n.º 401195, "Production and distribution of food during the Roman Empire: Economics and political dynamics (EPnet)".

2. Enquadramento do achado

2.1. A cidade de Lagos na Época Romana

Longe vai o tempo, muita tinta correu e, na última década, muitos metros cúbicos se escavaram para tentar dar resposta à pergunta que o pioneiro e moderno investigador S. Ph. Estácio da Veiga deixou plasmada na sua obra: *"Onde foi situada a Lacobriga de Mela? Correm diversas opiniões de todo o ponto conjecturaes; mas não é com opiniões que se determina a situação de uma cidade extincta"* (Veiga, 1910: 220).

Na cidade de Lagos? No vizinho Monte Molião? Embora a associação de *Laccobriga* com o Molião se tivesse convertido na hipótese mais tradicional no decorrer dos últimos cem anos, não faltaram leituras, algumas delas já actuais, outras fortemente arreigadas desde o século XVI, obra dos humanistas André de Resende e Frei João de São José, que vincularam à actual cidade de Lagos o núcleo urbano ou proto-urbano referido por Pompónio Mela como um dos *oppida* que integrava o *Promontorium Sacrum*, interpretado como sendo o cabo de Sagres, mas também por Ptolomeu, que afirma que o *oppidum* de *Laccobriga* seria dos Célticos, que ocupavam uma parte do *territorium* dos Turdetanos no mesmo promontório.

Apesar de Estácio da Veiga ter escavado várias necrópoles e encontrado ricos espólios no Monte Molião, embora A. Viana, J. Formosinho e O. da Veiga Ferreira (1952 e 1953) tivessem chamado a atenção nas suas publicações para o possível carácter pré-romano do Monte Molião, ou de que aí fossem conhecidos materiais romanos de relativa antiguidade (relacionáveis com uma romanização precoce ou com o processo de conquista), como campanienses do círculo da B, ânforas Dressel 1B e Mañá C2b (Arruda e Gonçalves, 1993; Estrela, 1999), permaneciam justificadas as dúvidas e as reticências quanto à associação do Molião com a cidade de *Laccobriga*, pois continuavam a faltar os testemunhos habitacionais claros ou de qualquer outro tipo de urbanismo. No entanto, os vestígios arqueológicos possíveis de ser identificados sob a cidade de Lagos tinham ainda menos entidade. A cidade e os arredores eram ricos em vestígios, mas a maioria eram achados isolados (Viana, Formosinho e Ferreira, 1953: 119-124). Os achados de numerário romano e um provável tanque de salga romano escavado por Estácio da Veiga em 1878 junto ao Hospital Militar foram a excepção a esse panorama (Veiga, 1910: 221). Desse modo, tal como outrora alvitrara Estácio da Veiga, o Molião continuava a ser aquele que oferecia maiores probabilidades para a localização da *Laccobriga* pré-romana.

A escassez de vestígios consistentes na cidade de Lagos fazia pender a balança a favor do Monte Molião e, directamente, levantava outro problema: entender a natureza e o carácter dos poucos vestígios e da ocupação romana existentes na cidade de Lagos. Desde esta perspectiva é relativamente fácil compreender propostas como a de pertencerem a uma *villa* suburbana da cidade de *Laccobriga* (Alarcão, 1988: 172), ou de estarem relacionados com o desenvolvimento de um núcleo portuário (Mantas, 1997: 288-289), apesar de ambas carecerem de argumentos ou bases sólidas.

Grande parte da resposta à pergunta de fundo inicial foi dada pelas intervenções urbanas que se começaram a desenvolver a partir da primeira década deste século – sendo a da Rua Silva Lopes uma das primeiras (Ramos e Almeida, 2005; Ramos, Almeida e Laço, 2006), seguindo-se as da Rua 25 de Abril, n.ºs 53-55 (Ramos, 2008) e n.º 54 –, permitindo desenhar uma nova geografia e um novo quadro para a ocupação romana da actual cidade de Lagos. Paralelamente, os trabalhos arqueológicos realizados no Monte Molião permitiram aumentar enormemente o conhecimento sobre este sítio e dissipar muitas das dúvidas sobre a provável identificação deste povoado pré-romano, localizado na margem esquerda do estuário da Ribeira de Bensafrim, com a *Laccobriga* das fontes clássicas (Arruda, 2007: 18-20; Arruda *et al.*, 2008).

Com base em ambos os vectores de investigação, é hoje aceite que é durante a primeira metade do século I d.C. que se assiste ao aparecimento de núcleos rurais ao longo da Ribeira de Bensafrim e junto à costa, provavelmente de tipo *villa*, e quando se programa a ocupação da área da actual cidade de Lagos (Arruda, 2007: 26). Seria a partir do núcleo urbano situado no Monte Molião que se organizaria e estruturaria a "colonização" do território (Arruda, 2007: 29), apesar de não ter passado a *municipium*, mantendo a sua condição de *oppidum*, como se parece deduzir do facto de não estar referido como tal por Estrabão nem por Plínio.

Os vestígios identificados em Lagos autorizam descartar a área da cidade como um núcleo administrativo e urbano, devendo corresponder com grande probabilidade a uma grande área industrial e portuária, subordinada ou vinculada ao núcleo urbano instalado no Molião, com actividades assentes na transformação e comercialização de produtos da pesca, se não em funcionamento a partir de meados do século I d.C. (Ramos, Almeida e Laço, 2006), pelo menos ocupada a partir dessa cronologia (Arruda, 2007: 40).

Poderá ter sido talvez a partir de finais do século II d.C., quando o Molião parece entrar em decadência, que, justificado por factores económicos ou naturais, se tenha produzido a transferência de funções deste para área da cidade de Lagos (Arruda, 2007: 42).

2.2. Localização e contexto da intervenção

O sítio descoberto na Rua Silva Lopes, n.ºs 4 a 8, localiza-se na actual freguesia de Santa Maria, no coração do denominado Centro Histórico da Cidade de Lagos, encontrando-se afecto à Zona Especial de Protecção às Muralhas, factor que motivou a intervenção arqueológica. No que compreende a sua oro-hidrografia, a Rua Silva Lopes situa-se na margem direita da ribeira de Bensafrim e na margem esquerda de uma provável pequena ribeira subsidiária desta, que corre-

ria onde é actualmente a rua do Centro Cultural de Lagos, distando apenas algumas dezenas de metros do local onde seria a antiga foz (Fig. 1).

A intensa remodelação de áreas já urbanizadas na actual cidade de Lagos, particularmente no seu centro histórico, bem como a renovação de infra-estruturas e de instalações urbanas, como as operadas em momentos mais recentes no âmbito do projecto URBCOM, originaram na última década e meia um notável incremento de afectações directas do seu subsolo. Desse modo assistiu-se em Lagos, à semelhança de outras cidades do território português, a uma primeira fase de trabalhos esporádicos de salvamento, seguida de outra com um número cada vez mais frequente de acompanhamentos e de intervenções arqueológicas com carácter preventivo ou de emergência.

É precisamente em 2002, no contexto inicial dessas tímidas "intrusões" da actividade arqueológica na ordem dos trabalhos municipais, quando o conhecimento então existente quanto a vestígios arqueológicos atribuíveis ao período romano sob a cidade de Lagos era parco e baseado em notícias antigas (VEIGA, 1910: 221) ou em informação dispersa, que surge a intervenção na Rua Silva Lopes.

Apesar de não se possuírem então quaisquer dados conclusivos quanto à potencialidade arqueológica da zona alvo de construção, a sua eminente proximidade com o bar *Bon Vivant*, sito no n.º 105 da Rua 25 de Abril, a escassos cinco metros de distância, e onde, nos inícios dos anos 90 do século passado, tinham sido identificadas e destruídas várias construções identificáveis com *cetariae* aquando da remodelação da cave, fazia prever uma eventual presença de vestígios. No entanto, estes elementos não foram devidamente valorizados, e os trabalhos de demolição do edifício existente nos n.ºs 4-8 da Rua Silva Lopes principiaram sem qualquer tipo de acompanhamento arqueológico. A abertura das valas para a implantação das paredes de contenção perimetral, necessárias à construção das fundações do novo imóvel de lojas e escritórios projectado para o local, conduziu à identificação de várias *cetariae* pertencentes a um grande complexo industrial e provocou a destruição sectorial do seu limite ocidental, cortando longitudinalmente várias das cetárias até à rocha de base. Os trabalhos de construção foram então suspensos para a realização de uma actuação arqueológica adequada, que se levou a cabo entre Março e Julho de 2002, sob a direcção de Ana Cristina Ramos e um dos signatários (R. R. A.).

A intervenção dividiu-se em dois momentos. O primeiro, que consistiu na limpeza e no diagnóstico da real extensão da destruição causada pela obra e da potencialidade dos vestígios presentes, delineando-se as directrizes da intervenção (Fig. 2). O segundo, a escavação propriamente dita, que se prendeu com vários objectivos, a saber: a escavação da totalidade da área (cerca de 230 m^2); a remoção manual e controlada, acompanhada do respectivo registo integral, dos depósitos e de todo o tipo de estruturas construídas associadas (industriais, habitacionais, de armazenagem, etc.); a avaliação do estado de conservação, caracterização e interpretação das estruturas industriais existentes; a definição dos parâmetros cronológicos dos distintos momentos de ocupação identificados; bem como o tratamento do espólio arqueológico e o estudo preliminar do mesmo, com particular destaque para o(s) período(s) que concerne(m) à vida / laboração do complexo industrial (RAMOS, ALMEIDA e LAÇO, 2006: 84-85).

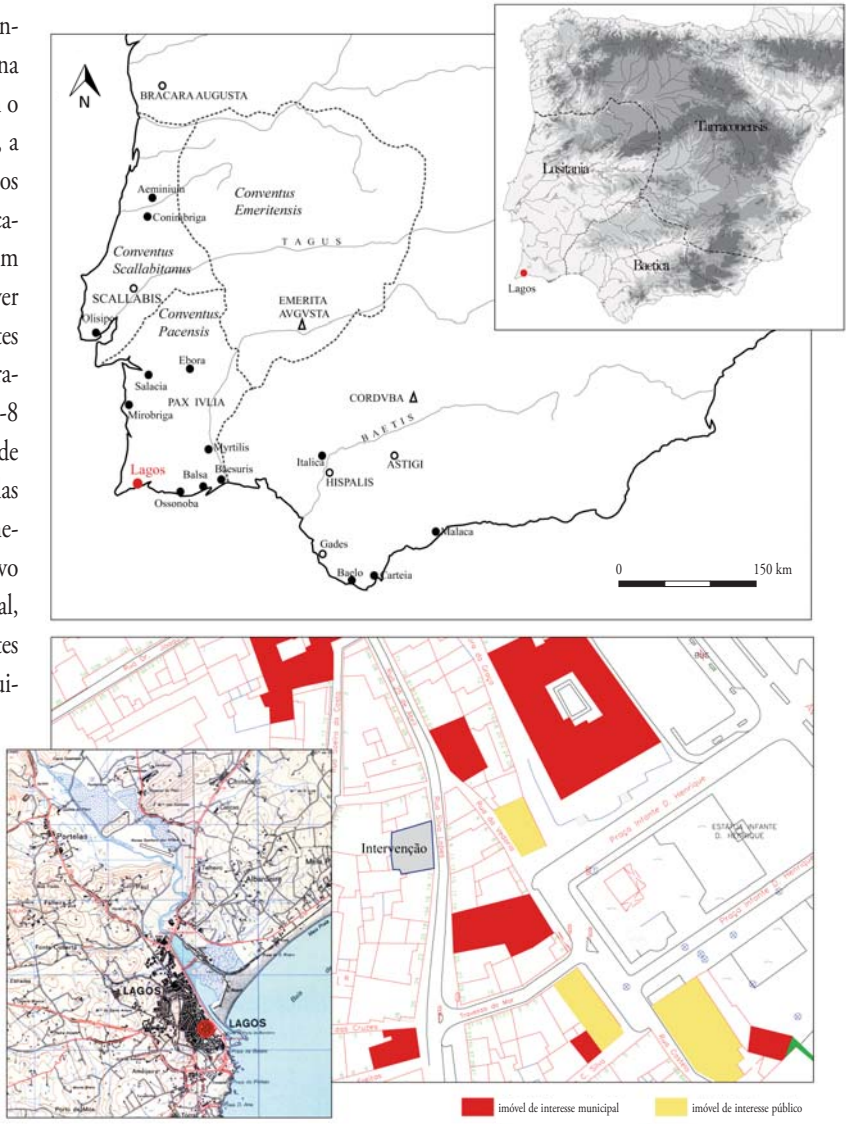


FIG. 1 – Localização da intervenção na *Hispania* (base cartográfica: CARTE, 1990, modificado); Localização na *Carta Militar de Portugal* 1:25000 e na planta do Centro Histórico de Lagos (base cartográfica: Gabinete Técnico da Câmara Municipal de Lagos, 2002, adaptado).

Fig. 2 – Vista geral Oeste-Este do complexo industrial da Rua Silva Lopes.

2.3. Síntese dos principais resultados: do período romano à actualidade

Não obstante o facto de o objecto do presente estudo ser muito específico e dizer apenas respeito a um aspecto particular da ocupação romana, consideramos como necessária uma apresentação e descrição sumária dos vários períodos, tendo principalmente em conta as limitações e condicionantes que se impuseram à interpretação de alguns dos seus elementos.

A intervenção permitiu documentar vários momentos da presença humana, consubstanciados em seis fases individualizadas, sendo os das épocas Medieval à Contemporânea (Fases VI a III) aqueles que apresentavam menor entidade. Estes testemunhos eram, todos eles, relacionáveis com uma ocupação de carácter eminentemente habitacional, e consistem, principalmente, em estruturas construídas e em estratos associados, todos com fraca expressão material, histórica e crono-estratigráfica, entre os quais se destacam os alicerces de uma casa e de um poço de Época Moderna, concretamente de época pombalina e pós-pombalina (Fase IV), um pequeno forno e estruturas negativas correspondentes a vários episódios curtos de reocupação / / reutilização do espaço, num momento compreendido entre o final do período medieval e o final do período moderno (Fase III).

Os vestígios atribuíveis à Época Romana, indiscutivelmente os de maior entidade e importância, abrangendo praticamente toda a área edificável e intervencionada, pertenciam a um complexo industrial destinado à produção de preparados piscícolas. A sua escavação e estudo revelaram que se compunha por três unidades produtoras, integradas num complexo de maiores dimensões que se desenvolvia seguramente sob os actuais edifícios n.ºs 2 e 2A da Rua Silva Lopes e, muito possivelmente, também para o actual n.º 105 da Rua 25 de Abril; contudo, não se pode excluir a hipótese de os vestígios anteriormente aí encontrados poderem pertencer a outro complexo de idênticas características.

As Fases II e I dizem respeito à Antiguidade Tardia e à Época Alto-Imperial, respectivamente, os dois grandes momentos documentados na história da fábrica. A Fase I compreende o período que decorre desde um momento anterior ou contemporâneo da construção da fábrica / início de laboração, entre a 2.ª metade do século I e meados do século II, até ao momento da reestruturação e entulhamento parcial da mesma, em inícios / meados do século V. A Fase II, por sua vez, consiste no período decorrente entre os meados do século V e o abandono definitivo da fábrica, em meados do século VI d.C. (Ramos, Almeida e Laço, 2006).

O volume, a qualidade e cronologia dos dados e do espólio da escavação do complexo industrial da Rua Silva Lopes, bem como a das próprias construções, aliados ao seu excelente estado de preservação, justificaram estudos *per si*, particularmente os que se prendiam com

a caracterização / discussão do complexo da Rua Silva Lopes à luz dos dados existentes para a área meridional da Lusitânia, que foram faseada e oportunamente apresentados e publicados (Ramos e Almeida, 2005; Ramos, Almeida e Laço, 2006; Ramos *et al.*, 2007).

2.4. O complexo industrial: descrição e caracterização

Embora não se tenha podido escavar o complexo na sua totalidade, foi possível constatar que se inscrevia num modelo que se caracteriza por uma zona central de acesso ou de trabalho, em torno da qual se dispunham em três dos seus lados as várias unidades, compostas por cetárias de distintas dimensões, volumetria e particulares detalhes construtivos, pelo que se pode pensar em distintas especializações produtivas.

Foi identificada a entrada na área Oeste, concretamente os muros que formavam uma das suas esquinas e parte do pavimento interior, que davam para o corredor central. Em torno deste repartiam-se três grandes unidades, delimitadas por muros perimetrais exteriores, que definiam, por sua vez, os espaços das unidades propriamente ditas, individualizando-as claramente da área central. Nas três unidades foi identificado um número mínimo de 15 *cetariae*. De um modo geral, as cetárias encontravam-se bastante bem conservadas, com excepção das cetárias 1, 2, 5, 6 e 9, destruídas em grande parte pela obra. Apesar de os muros dos tanques se encontrarem sem a sua parte terminal superior e sem o respectivo revestimento original de *opus signinum*, os interiores estavam, na totalidade dos casos, muito bem preservados. As paredes das cetárias foram realizadas em *opus incertum* e os revestimentos dos fundos e das paredes com *opus signinum*, que incluíam na sua constituição maioritária não cerâmicas trituradas, mas sim seixos de aluvião de pequeno calibre. Todas possuíam meias-canas horizontais nas esquinas, na articulação entre as paredes e o fundo, e na Unidade 1 também se documentou a utilização da mesma nas quatro esquinas verticais.

Refira-se igualmente que eram inequivocamente visíveis várias das sucessivas remodelações / melhorias ao nível dos revestimentos e pavimentos, que foram sendo realizadas durante o longo período de tempo da sua utilização / laboração. No caso das cetárias 1, 2 e 5, as que foram utilizadas até ao último momento de laboração da fábrica, os sucessivos revestimentos realizados foram tantos que eram praticamente inexpressivos os elementos de meia-cana.

As cetárias foram construídas em profundidade, abaixo do nível de circulação, que assentava directamente sobre a rocha de base. Para a sua construção cortou-se o substrato geológico, constituído por calcários caliços. Tanto as paredes como os fundos foram directamente adossados aos cortes realizados na rocha, pelo que não foi possível verificar a existência de qualquer tipo de enchimento fundacional. Esta ausência de enchimentos, e consequente ausência de espólios associados, inviabiliza uma datação directa do momento da construção da fábrica. Mas é neste sentido que a evidência indirecta fornecida pela grande fossa localizada no espaço extra-muros, parece lançar alguma luz, tal como já se teve oportunidade de comentar (Ramos, Almeida e Laço, 2006: 87-89).

2.5. A área exterior à fábrica: a fossa 1 - estratigrafia, materiais e cronologia

O espaço exterior corresponde, *grosso modo*, a toda a área a Sul do muro [176] e a Este do muro [288], os muros que constituem o limite da fábrica. A totalidade desta área encontrava-se coberta pela camada [42], um depósito formado durante os trabalhos de destruição e de construção das paredes de contenção (interface [307]), através do revolvimento de vários depósitos antigos subjacentes e consequente reposição. Como resultado final, a formação deste novo depósito afectou parcialmente e sobrepôs-se a várias realidades espacial e cronologicamente distintas, designadamente os muros de Época Moderna [26], [45] e [53], bem como o topo de uma fossa moderna (Fossa 3) que, por sua vez, já afectavam parcialmente outra, de maiores dimensões e de Época Romana (Fossa 1). Após o desmonte dos muros modernos e da remoção dos enchimentos [79] e [81] da fossa [82], que se encontravam sobrepostos e cortando os últimos estratos de colmatação da fossa romana, procedeu-se à escavação da mesma.

A Fossa 1 tratava-se de uma fossa de detritos de grandes dimensões, escavada nas argilas de base, que se prolongava para Sul, sob o n.º 12, e para Este, sob a rua, não sendo visíveis os seus limites Nordeste e Sudeste, cortados pelas valas perimetrais da obra. Possuía uma planta ovalada, com uma extensão máxima conservada de seis por quatro metros, estimando-se que esta extensão corresponda apenas a ¼ do seu tamanho original. Apresentava um declive acentuado que inflectia gradualmente do topo até à base, originando perfis de paredes algo irregulares, com uma profundidade de cerca de 1,5 m (Ramos, Almeida e Laço, 2006: 90). A fossa e a sua sequência revestem-se de particular importância, não só para datar o início da ocupação e hipotético início da actividade, mas, neste caso, sobretudo, para aferir uma contextualização idónea para o estudo da nossa peça epigráfica.

O enchimento da Fossa 1 estava composto maioritariamente por estratos que se diria derivados de acções de despejo de detritos, eventualmente com carácter doméstico, constituídos por areias limosas, areias argilosas ou argilas limosas, quase todos heterogéneos e significativamente compactos, com tonalidades que alternavam entre o castanho-escuro, castanho-acinzentado e castanho-claro, em função de um maior ou menor índice de matéria orgânica. Apesar da frequente presença de matéria orgânica decomposta, de abundantes carvões de reduzida dimensão e de fauna mamalógica e malacológica, os estratos apresentavam um grau de compactação mais elevado que o normal

Fig. 3 – Em cima, planta composta do complexo industrial da Rua Silva Lopes;

Em baixo, planta esquemática com as áreas funcionais e localização da Fossa 1, na área exterior a Sul da fábrica.

neste tipo de depósitos, por um lado devido à migração de elementos das argilas e das caliças do substrato de base, por outro, e acentuando ainda mais este fenómeno, por incorporação nos sedimentos e nos materiais arqueológicos de cálcio resultante da descalcificação da fauna malacológica. De um modo geral, os estratos continham ainda ocasionais blocos e cascalho de calcário, saibro e frequentes nódulos de caliça. Destaca-se, naturalmente, a grande quantidade de espólio arqueológico, consubstanciado

Fig. 4 – Fossa 1.

1. Vista Este-Oeste;

2. Vista, desde a esquina Sudoeste, da sequência total de enchimentos;

3. Detalhe da sequência de enchimentos no perfil Este;

4 e 5. Vista Sul e zenital após a sua escavação.

num volumoso e diversificado conjunto de cerâmicas finas, cerâmicas comuns e sobretudo ânforas, dos quais se falará mais adiante.

A escavação revelou uma sequência estratigráfica relativamente complexa, que pode ser sintetizada e apresentada da forma que se segue. O depósito [47=54], correspondente ao último estrato de enchimento, cobria a fossa em toda a sua extensão, subpondo-se primeiro [65], e depois [85], uma das camadas que, juntamente com a imediatamente subjacente [87], ofereceu maior quantidade de material arqueológico, especialmente cerâmico. Foi precisamente na camada [85] que se recolheu a marca que agora se estuda.

Justaposto a [85] surgiu [92] que, por sua vez, cobria integralmente o estrato [99] e parcialmente [109]. A UE [99] foi identificada apenas na área central da fossa e sob este estrato e apenas junto ao corte identificou-se [102]. Sob este último registou-se [104], que cobria totalmente a camada [110] e parcialmente a camada [109]. Subjacente a este último estrato registaram-se [113] e [114].

O depósito [113] identificou-se na extremidade Nordeste da fossa, ao passo que [114] se localizava na metade Noroeste, não tendo portanto relação física directa.

A UE [115] consistia na interface à fossa propriamente dita. ...52 ►

Fig. 5 – Planta composta da área exterior Sul, com detalhe do enchimento [85] da Fossa 1, e indicação dos perfis.

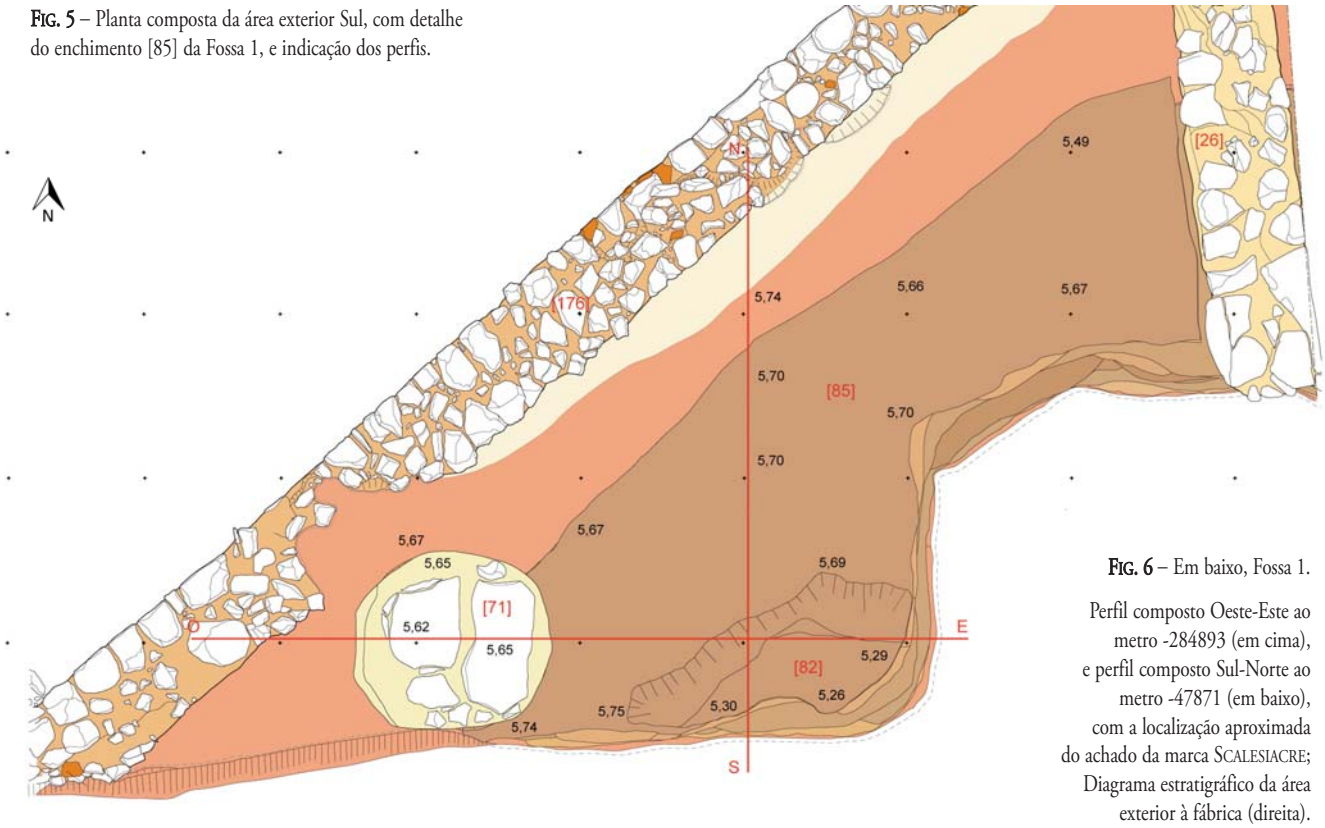
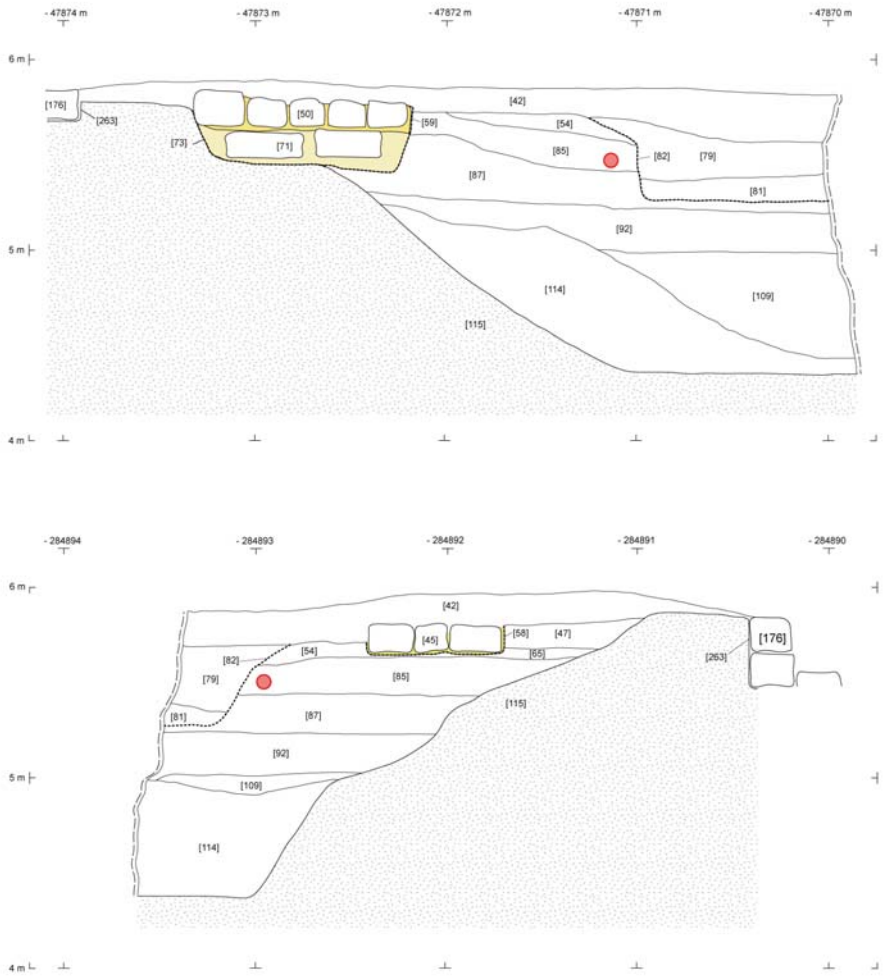
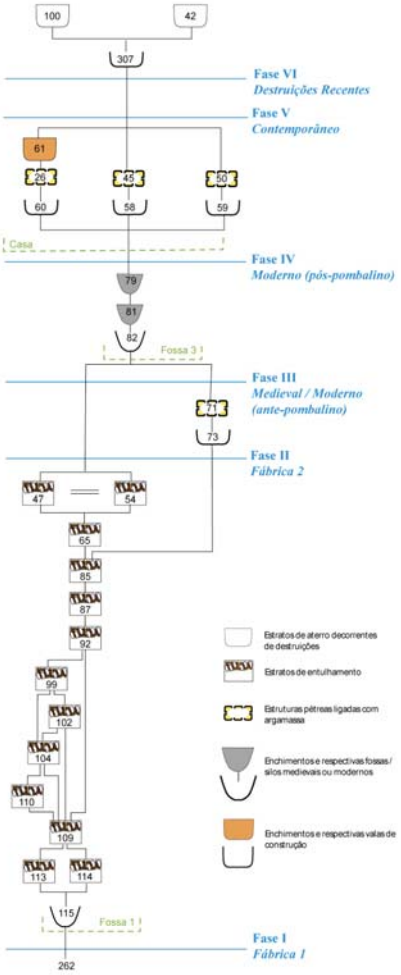


Fig. 6 – Em baixo, Fossa 1.

Perfil composto Oeste-Este ao metro -284893 (em cima), e perfil composto Sul-Norte ao metro -47871 (em baixo), com a localização aproximada do achado da marca Scalesiacre; Diagrama estratigráfico da área exterior à fábrica (direita).





◀ 50... Centrando-nos agora no espólio arqueológico, há que referir em primeiro lugar que praticamente todo o material exumado do interior da fossa consiste em artigos importados. A maior parte são fragmentos de ânforas de salga provenientes da região gaditana, maioritariamente do tipo Beltrán IIB, contando-se poucos exemplares do grupo das Dressel 7-11 e Beltrán IIA, e do Vale do Guadalquivir, do tipo Dressel 20, estando representadas as morfologias júlio-cláudias, flávias e antoninas, bem como escassos exemplares de Haltern 70, atribuídas ao período Cláudio-neroniano ou Flávio, e de Beltrán IIB.

A análise detalhada das ânforas importadas revela uma enorme dependência do abastecimento directo de produtos da vizinha província da Bética (vinho, azeite e preparados piscícolas), assumindo o consumo de produtos não hispanos uma percentagem vestigial de 5,1 % (Fig. 6). A primazia cabe aos preparados piscícolas (envasados em ânforas Dressel 7-11, Beltrán IIA e Beltrán IIB, sobretudo estas últimas), com uma cota de 60 %, em consonância com os elevados valores registados para outras cidades algarvias, como os 42,4 % de Faro ou os 61,1 % em *Balsa*. Este padrão concorda com a leitura de C. Viegas, segundo a qual *"[…] a proximidade geográfica explica que se verifique a integração do sul da Lusitânia nos circuitos comerciais baseados na cidade e no porto de Cádis"* (VIEGAS, 2011: 557). Parece ser este também o padrão observado (ainda que de forma empírica) para o conjunto da Rua 25 de Abril, n.ºs 53-55 (RAMOS, 2008).

Estranhamente, o comércio de produtos vitivinícolas adquire fraca expressão, tanto no caso hispânico, importados em ânforas Haltern 70 (3,3 %), como nos de outras proveniências, concretamente em Dressel 2-4 itálicas ou Gauloise 4 da Gália (5,1 %).

Igualmente de registo é o papel do azeite importado desde o Guadalquivir em ânforas Dressel 20. De facto, o valor da sua presença na fossa da Rua Silva Lopes, 23,3 % do valor total das importações entre meados do I e o século II d.C., é consonante com o dos sítios importadores referidos anteriormente, onde foram documentadas idênticas quantidades (VIEGAS, 2011). No entanto, será necessário estudar mais conjuntos urbanos da cidade de Lagos para tentar perceber a que factor, ou factores, se pode dever a proporção inversa do valor das importações recentemente estudadas no Monte Molião (VIEGAS e ARRUDA, 2013: 727-728, 731). Independentemente dos mesmos, os dados de Lagos, e especialmente os de Faro e *Balsa*, demonstram que o desconhecimento generalizado que até há momentos recentes possuíamos destas importações não reflecte uma ausência das mesmas, mas sim, ao que tudo parece indicar, um fiel reflexo da investigação, consubstanciado na ausência de estudos sistemáticos, tal como já referiu C. FABIÃO (1993-1994).

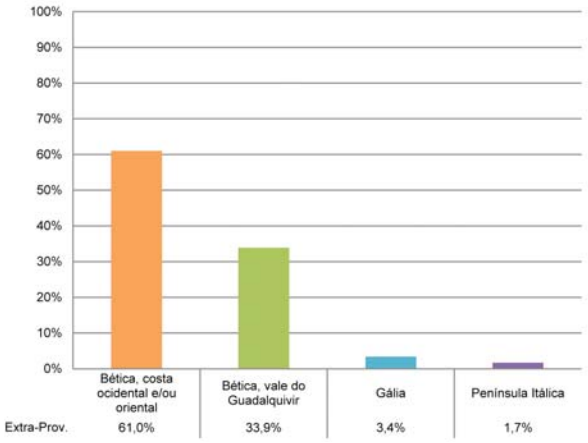


TABELA 1 E FIG. 7 – Quantificação por proveniências / tipos (tabela) e distribuição percentual (gráfico) das ânforas da Fossa 1.

Proveniência	Tipo	Destr. F	Destr. NMI	47=54 F	47=54 NMI	65 F	65 NMI	85 F	85 NMI	87 F	87 NMI	92 F	92 NMI	99 F	99 NMI	102 F	102 NMI	104 F	104 NMI	110 F	110 NMI	109 F	109 NMI	114 F	114 NMI	Total Frag.	Total NMI	% NMI
Bética, costa ocidental e/ou oriental	Dressel 7-11					1	1	3	1	2	1	4	2					4	1							14	6	10,0%
	Beltrán IIA											1	1													1	1	1,7%
	Beltrán IIB	32	3	19	3	7	2	18	3	6	2	19	3	6	2	3	2	1	1	1	1	3	1	12	4	127	27	45,0%
	Beltrán IIB / Puerto Real 1			1	1																					1	1	1,7%
	Indeterminado							2	1																	2	1	1,7%
	Total	32	3	20	4	8	3	23	5	8	3	24	6	6	2	3	2	5	2	1	1	3	1	12	4	145	36	60,0%
Bética, Vale do Guadalquivir	Haltern 70							1	1															2	1	3	2	3,3%
	Beltrán IIB	1	1							1	1					1	1									3	3	5,0%
	Dressel 20 (júlio-cláudia)					1	1	1	1	1	1							2	1					3	1	8	5	8,3%
	Dressel 20 (flávio-trajana)							3	2			2	1									3	1			8	4	6,7%
	Dressel 20 (antonina)					1	1																			1	1	1,7%
	Dressel 20							1	0	1	0	1	0			1	1	1	0							5	1	1,7%
	Dressel 20 *parva* (júlio-cláudia)											1	1													1	1	1,7%
	Dressel 20 *parva* (flávio-trajana)							1	1	1	1															2	2	3,3%
	Dressel 20 *parva*											1	0													1	0	0,0%
	Total Dressel 20	0	0			2	2	6	4	3	2	5	2			1	1	3	1			3	1	3	1	26	14	*23,3%*
	Indeterminado					1	1																			1	1	1,7%
	Total	1	1			3	3	7	5	4	3	5	2			2	2	3	1			3	1	5	2	33	20	33,3%
Gália	Gauloise 4	1	1			1	1																			2	2	3,3%
	Total	1	1			1	1																			2	2	3,3%
Península Itálica	Dressel 2-4									1	1															1	1	1,7%
	Total									1	1															1	1	1,7%
Total Outras Provincias		34	5	20	4	12	7	30	10	13	7	29	8	6	2	5	4	8	3	1	1	6	2	17	6	181	59	98,3%
Indeterminada	Indeterminado																	1	1							1	1	1,7%
	Total																	1	1							1	1	1,7%
	Total Frag / NMI	34	5	20	4	12	7	30	10	13	7	29	8	6	2	5	4	9	4	1	1	6	2	17	6	182	60	100%

O cruzamento dos dados estratigráficos com os das ânforas e de algumas cerâmicas finas de mesa revela aspectos bastante coerentes, que merecem ser enumerados. No estrato [114], na base da sequência, a presença de Dressel 20 de época Júlio-cláudia juntamente com ânforas Beltrán IIB e *terra sigillata*, concretamente um grande cálice itálico com marca *in planta pedis*, atribuível ao período Tibério-cláudio, e Drag. 30B decorada sudgálica, permitem situar o início do enchimento da fossa em meados do século I d.C., possivelmente nos momentos finais da referida dinastia. É também neste momento inicial, atribuível ao final do período Júlio-cláudio, que se pode situar a formação dos estratos [113] e [110].

Os estratos [109], [104], [102], [99], [92] e [87] e [85], aparentemente de formação relativamente rápida e próxima entre si, com algum índice de residualidade patente, apresentavam escassas ânforas Dressel 20 júlio-cláudias e sobretudo peças com morfologia típica da etapa Flávio-trajana, inclusive as suas variantes *parvae*. No estrato [85], entre os fragmentos de Dressel 20 encontrava-se a marca SCALESIACRE, bem como um fragmento de bordo de Haltern 70, presumivelmente pertencente a este momento. As cerâmicas finas que permitiram classificação consistiam sobretudo em *sigillatas* sudgálicas das formas Drag. 24-25, 27 e 36, bem como alguns fragmentos de Drag. 24-25 marmoreados; *sigillata* hispânica das formas Drag. 15-17, abundante, e Drag. 24-25 e 27; Clara A dos tipos Hayes 3a, Hayes 8 e Hayes 20; recolheram-se também alguns fragmentos pequenos de paredes finas, lucernas e unguentários, que não foi possível classificar. Estava ainda presente um repertório significativo de cerâmicas comuns, quer de origem e produção local, quer de importação, particularmente "vernizes vermelhos pompeianos" de proveniência itálica e peças com origem norte-africana dos tipos Hayes 23b, Hayes 194 e Hayes 196.

Baseando-nos na estratigrafia e nestes conjuntos, é possível atribuir à parte da sequência formada por estes estratos uma cronologia *grosso modo* compatível com a época Flávio-trajana e o início da antonina, provavelmente não mais além do primeiro quartel do século II d.C. O estrato [85], localizado no topo desta sequência, corresponderia precisamente a esse momento final de difícil precisão. Por último, os estratos [65] e [47-54] parecem corresponder a plena época antonina. A ausência de formas anfóricas africanas típicas do século II, o baixo índice de Dressel 20 antoninas, mas principalmente de tipos béticos de momentos tardo-antoninos, à excepção de um fragmento de difícil caracterização, proveniente da camada superior e classificado como Beltrán IIB / Puerto Real I, permitem considerar os meados do século II d.C. como o *terminus* para a colmatação da fossa.

Finalmente, ainda que não seja o tema principal deste trabalho, é forçoso tecer algumas considerações no que respeita à Fossa 1, e por acréscimo quanto ao início da presença romana, da fábrica e da hipotética actividade industrial na actual cidade de Lagos. Dado que a evidência directa para a data de construção da fábrica é nula, não foi detectado qualquer enchimento fundacional, a fossa exterior tem particular importância, não só pela proximidade que tem com a fábrica, mas também pela natureza e cronologia do espólio recolhido. Qual a relação entre a fossa e a fábrica? São contemporâneas? A Fossa 1 retrata uma instalação anterior e distinta da fábrica? Estas questões são delicadas porque a relação estratigráfica entre ambas oferece limitações. Apenas o último estrato de enchimento da fossa, que extravasa os limites da mesma, possui relação directa com a fábrica numa situação de encosto pouco clara.

Uma observação inicial permite verificar que na localização da fossa no espaço imediato extra-muros, o seu limite setentrional é perfeitamente paralelo ao muro exterior da fábrica (UE [176]), parecendo revelar uma certa sintonia e articulação, e que esta foi aberta directamente na única área do substrato geológico onde foi possível observar uma grande potência de argila. Hipótese a ter em conta na sua interpretação é a de a sua abertura poder ter sido devida à extracção das argilas, elemento essencial para a construção das estruturas de todo o complexo. Após esta etapa concluída, a fossa poderia ter sido paulatina e progressivamente entulhada com restos de recipientes de produtos importados e com lixos domésticos. Portanto, a fossa pode ter sido terminada de preencher durante a primeira época de laboração da fábrica, que cronologicamente se enquadraria entre as épocas Flávio-trajana e antonina (RAMOS, ALMEIDA e LAÇO, 2006: 90-91).

Se há vários anos esta possibilidade poderia parecer insólita e revelar-se problemática, a posterior descoberta de cetárias tanto nas escavações do Monte Molião (VIEGAS e ARRUDA, 2013: 729-730) como na sua base (BARGÃO, 2010), trouxe à luz novos contextos produtivos com cronologias de utilização sólidas, balizadas em época Flávio-trajana, que permitem considerar a possibilidade de a fábrica da Rua Silva Lopes se inscrever num mesmo horizonte produtivo.

Em alternativa, a fossa e o seu enchimento podem corresponder a uma realidade de cronologia anterior, relacionável com uma ocupação cujo carácter e natureza se desconhece completamente, talvez doméstico / habitacional. A cautela e este postulado implicam, naturalmente, entender e atribuir a instalação da fábrica a um momento posterior ao que se tem vindo a defender (RAMOS, ALMEIDA e LAÇO, 2006: 90-91), isto é, algures no século II d.C., provavelmente a partir de meados desse século. Não obstante, saliente-se que parece pouco provável, do ponto de vista estratigráfico e ao nível da arquitectura, que no momento da instalação da fábrica se desse a casualidade de ser construída ao lado, de forma paralela, respeitando os limites de uma lixeira. Admitindo-se a possibilidade de tal ter efectivamente ocorrido, então seria forçoso concluir que não poderia ter decorrido muito tempo entre ambas…

Esta nova hipótese de datação não alteraria em nada (para além do século de diferença, obviamente…) os principais aspectos problemáticos inerentes à produção de preparados piscícolas na Lusitânia meridional para essa época.

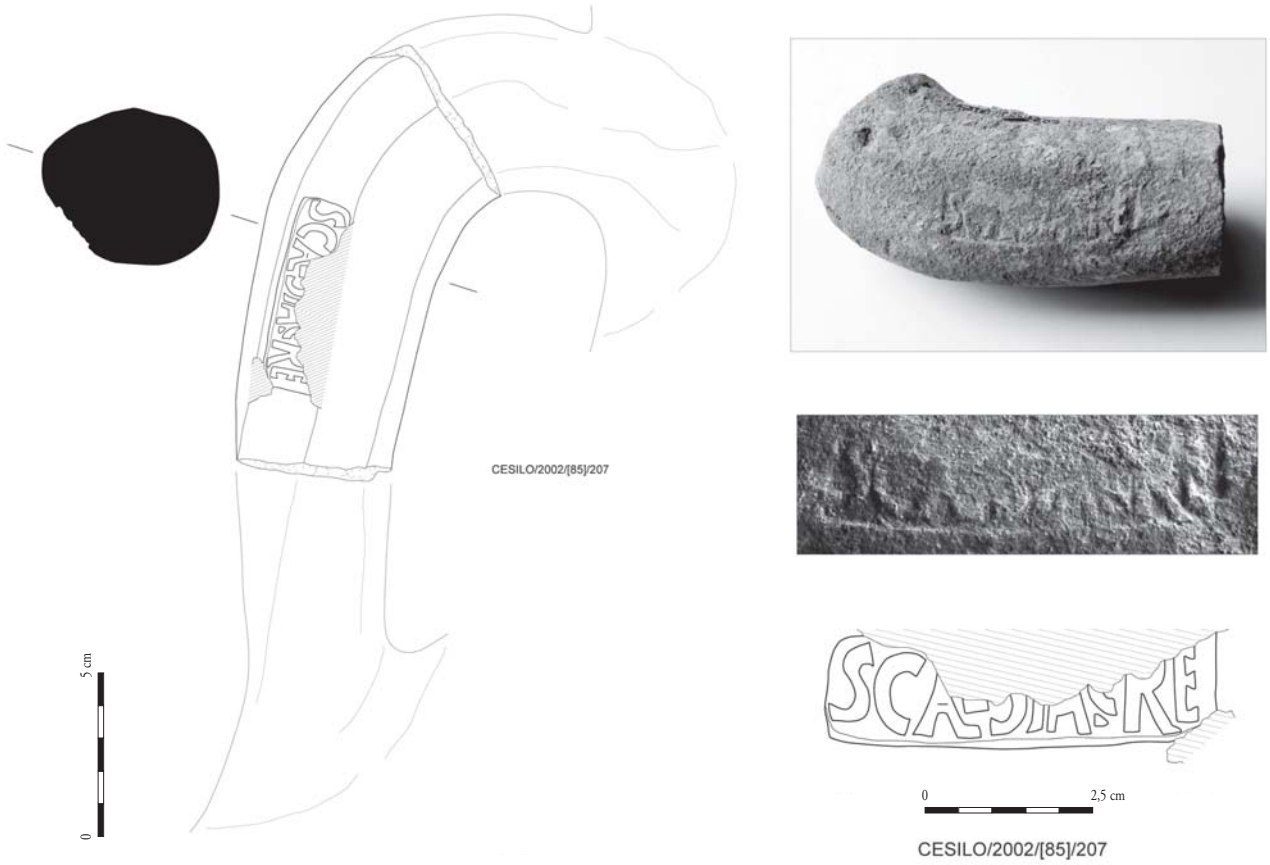


Fig. 8 – Desenho e fotografia, geral e de pormenor, da asa de Dressel 20 e da marca Scalesiacre.

No entanto, considerando esse hipotético cenário de maior antiguidade, haverá que admitir que a grande fossa detrítica da Rua Silva Lopes e outros contextos como, por exemplo, os da Rua 25 de Abril, n.ºs 53-55, que apresentam exactamente as mesmas cronologias, o mesmo repertório artefactual (Ramos, 2008) e estão, uma vez mais, associados a estruturas de salga, correspondem a um momento e a uma realidade de ocupação na cidade para o qual, estranhamente, não resta qualquer tipo de evidência ou de vestígios relacionados, sejam eles preservados ou destruídos e residuais noutros períodos. Refira-se que não só na Rua Silva Lopes, como também em nenhum outro sítio escavado da cidade de Lagos (até à data), se identificou qualquer tipo de elementos edificados, nem estão presentes materiais edilícios.

3. A marca Scalesiacre

A marca proveniente da Rua Silva Lopes não coloca grandes dificuldades quanto à sua leitura. Apesar do estado de deterioração de várias das suas letras e dos elementos concrecionados na sua superfície, é possível realizar a sua leitura integral (|SC{A^LE"}S'^I'A'•C"RE|) e identificá-la com a marca Scalesiacre. O texto apresenta-se em *litt. extantibus*, dentro de uma cartela rectangular com um comprimento de 59 mm x 17 mm.

Trata-se de uma marca com um conteúdo composto, que apresenta a seguinte estrutura ou fórmula: Nome da *Figlina* + Cognomen. Neste caso, desenvolve-se como *Scale(n)sia Cre(...)*, o que nos permite atribuir a sua origem à *figlina Scalensia*, uma *figlina* bem conhecida do Vale do Guadalquivir, na área do *conventus Cordubensis* (Fig. 9). A *figlina Scalensia* do Cerro de los Pesebres [1] localiza-se na parte mais ocidental do território de *Corduba*, entre *Celti* (Peñaflor) e *Detumo* (Posadas), e a sua produção incidiu maioritariamente no fabrico de ânforas olearias do tipo Dressel 20, incluindo as variantes *parvae*, durante os primeiros três séculos da nossa era. Nas marcas estampadas nesta olaria sobressaem, com uma grande diversidade e riqueza epigráfica, aspectos que sugerem uma elevada complexidade na organização, necessária para uma produção "industrializada", e a grande escala de contentores oleários.

[1] Clark-Maxwell, 1899: 257 ("El Castillejo"); Bonsor, 1989: 23 ("El Castillejo"); Ponsich, 1979: 139, n.º 152 ("Cortijo de Serno Bajo"); Remesal Rodríguez, 1989: 123 ss. ("Cerro de los Pesebres"); Barea *et al.*, 2008; Berni Millet, 2008: 451-457.

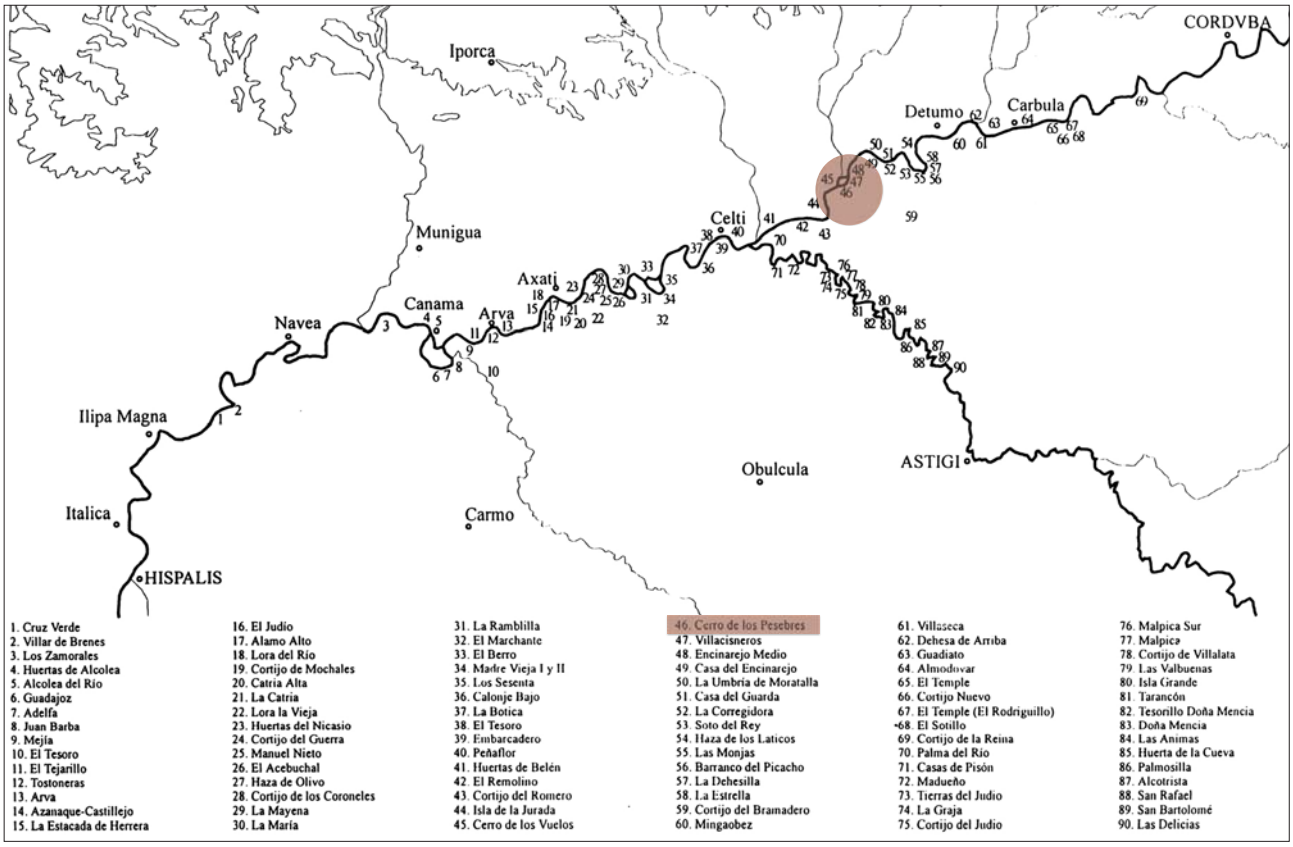
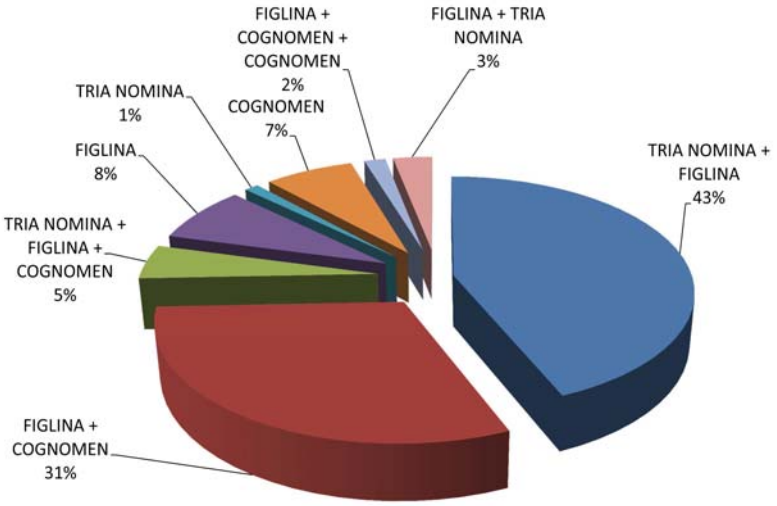


Fig. 9 – Mapa com as olarias nos vales do Guadalquivir e Genil (segundo Testaccio 2010: fig. 10).

O importante repertório epigráfico que existe em Cerro de los Pesebres associado às ânforas Dressel 20 permite reconstruir a evolução de sistemas de marcação utilizados durante um período aproximado de 200 anos (50-250 d.C.). Considerando os conteúdos conhecidos, as marcas da *Scalensia* podem ser agrupadas e enquadradas em oito estruturas ou fórmulas epigráficas básicas, com a distribuição que se apresenta na Fig. 10.

O sistema de marcação da *Scalensia*, tal como em muitas outras olarias dos vales do Guadalquivir e do Genil, centra-se em torno do nome da *figlina*, documentada em mais de 90 % das marcas conhecidas, que aparece sob múltiplas formas e desenvolvimentos: Fscalensis, Scalensia, Scale(n)sia Scalens, Scalen, Scale, Figscal, Fscal, Scal, Fsca, Sca, Fsc, Sc e Fs. O desenvolvimento nas epígrafes apresenta, como evolução geral, uma fórmula que é mais extensa inicialmente e que tende a contrair-se com o passar do tempo, aspecto que permite ordenar e datar as diferentes séries.

Fig. 10 – Distribuição estatística das estruturas ou fórmulas epigráficas das marcas da *figlina Scalensia* (Barea *et al.*, 2008: 102 ss).



Durante o século I d.C. prevalecem os desenvolvimentos, SCALE(N)SIA e SCALENSIA. A partir de meados do século II d.C. já existem desenvolvimentos abreviados, tais como a SCA ou SCAL, tendo passado, até chegar a esse momento, por quase todas as contracções intermédias como SCALENS, SCALEN, SCALE; finalmente, são ainda mais simplificados nas produções do século III d.C., representando-se apenas as suas iniciais. Por outra parte, a partir do último quartel do século II d.C. o nome aparece precedido do atributo *(ex) F(iglinis) vel F(undi)*. Quando existe associação entre *figlina* e *tria nomina*, o nome da primeira perde protagonismo e é colocado depois do segundo. Por sua vez, nas formas que apresentam maior desenvolvimento, o nome da *figlina* aparece sozinho ou associado a *cognomina* e, invariavelmente, em primeiro lugar.

Na Tabela 2 e na Figura 11 recompilam-se várias marcas provenientes de Cerro de los Pesebres, com um desenvolvimento análogo ao do exemplar que agora se apresenta, o que nos permite enquadrá-lo devidamente dentro do sistema epigráfico utilizado na *figlina* e, com alguma legitimidade, atribuir-lhe parâmetros cronológicos fiáveis. A marca da Rua Silva Lopes tem os seus melhores paralelos num exemplar recolhido em Cerro de los Pesebres que apresenta exactamente o mesmo punção, e que se atribui ao grupo III local (BAREA *et al.*, 2008).

A homogeneidade que pode ser observada nesta série epigráfica leva-nos a equacionar a possibilidade de as matrizes (os punções) destas marcas terem sido confeccionadas pelas mesmas pessoas. Todas as marcas apresentam a mesma fórmula epigráfica, com particularidade da contracção do "N" no desenvolvimento do nome da *figlina*. No que concerne à sua configuração, as marcas desta série podem ser divididas em três grupos: o primeiro caracteriza-se pelo nexo "AL" no desenvolvimento do nome da *figlina*; o segundo, apresenta os nexos "CAL" e "IA"; o terceiro, onde se pode constatar, mais uma vez, o nexo "AL", mas cuja principal característica radica na presença da letra "E" sobreposta ao traço horizontal do "L". Tendo por base estes aspectos epigráficos e o estilo do *ductus*, é igualmente provável que estas marcas possuam cronologias próximas entre si.

Os *cognomina* prevalecem na epigrafia da *figlina* desde meados do século I a meados do II d.C., sendo actualmente conhecidas cerca de 50 leituras distintas para um número mínimo de 36 nomes ou personagens diferentes, claramente o maior número conhecido para a epigrafia bética até ao momento. Estes *cognomina* podem aparecer nas marcas de forma isolada ou precedidos do nome da *figlina*. A epigrafia da *Scalensia* associada a estes indivíduos conta ainda com outros traços singulares:

– Os indivíduos podem surgir tanto em nominativo como em genitivo: PLOCAMVS e PLOCAMI (BAREA *et al.*, 2008: n.ºs 40-41).

– Associações de cognomina numa mesma marca (NOME DA *FIGLINA* + COGNOMEN + COGNOMEN), constando ambos depois do nome da *figlina*, um tipo de estrutura que até há bem pouco tempo era totalmente desconhecido na epigrafia bética: SCALATELEPHI (BAREA *et al.*, 2008: n.º 10), SCALNICETELEPHI (CIL XV 2623), SCAL?]AGRBAR (BAREA *et al.*, 2008: n.º 16).

– Frequência significativa desses nomes (*Clarinus*, *Cre(scentis)*, *Faustinus*, *For(tunatus)*, *Lib(...)*, *Lucanus*, etc.) associados à produção de outras *officinae* da zona: *Belliciana*, *Talliane(n)sia* e *Servi(...)*.

Os dados que acabamos de referir autorizam pensar que estes personagens poderiam estar à frente de distintas *officinae* ou unidades produtoras que compunham o centro oleiro nessa fase, e que as mesmas poderiam ter um determinado grau de autonomia interna. É também possível considerar que estas unidades pudessem ter actividade em vá-

TABELA 2 – Marcas da série epigráfica de Cerro de los Pesebres com a estrutura SCALE(N)SIA + COGNOMEN

Marca	Desenvolvimento	Ref.ª básica	Datação
SCALESIAAG	*Scale(n)sia Ag(r…)*	BAREA *et al.*, 2008: n.º 12	Forma I, II ou III (asa, ÉTIENNE e MAYET, 2004: 1119a-b).
SCALESIACALP	*Scale(n)sia Calp(...)*	BAREA *et al.*, 2008: n.º 19	*ca.* 70 d.C.-contextual- (DANGRÉAUX e DESBAT, 1988: n.º 14); Forma I (asa, ÉTIENNE e MAYET, 2004: 1123).
SCALESIACRE	*Scale(n)sia Cre(scentis?)*	BAREA *et al.*, 2008: n.º 23	Forma III (bordo, colo e asas, REMESAL RODRÍGUEZ, 1997: 313a = EHMIG, 2003: 189, 2).
SCALESIAFO	*Scale(n)sia Fo(rtunati)*	Callender n.º 1576 = ÉTIENNE e MAYET, 2004: n.º 1129	Forma I (asa, ÉTIENNE e MAYET, 2004: 1129)
SCALESIAFOR	*Scale(n)sia For(tunati)*	BAREA *et al.*, 2008: n.º 28	–
SCALESIAL	*Scale(n)sia L(...)*	BAREA *et al.*, 2008: n.º 35	–
SCALESIALIB	*Scale(n)sia Lib(...)*	BAREA *et al.*, 2008: n.º 36	Forma I, II ou III (asa, ÉTIENNE e MAYET, 2004: 1132).
SCALESIALVC	*Scale(n)sia Luc(...)*	BAREA *et al.*, 2008: n.º 37	Forma I-II (asa, BAREA *et al.*, 2008: n.º 37)
SCALESIAP	*Scale(n)sia P(...)*	BAREA *et al.*, 2008: n.º 38	Forma I, II ou III (asa, ÉTIENNE e MAYET, 2004: 1133).
SCALESIAR	*Scale(n)sia R(...)*	Étienne e Mayet, 2004: n.º 1137	Forma III (asa e colo, ÉTIENNE e MAYET, 2004: 1137a; EHMIG, 2007: tafel 31.628).
SCALESIARO	*Scale(n)sia Ro(...)*	BAREA *et al.*, 2008: n.º 44	Forma I ou II (asa, ÉTIENNE e MAYET, 2004: 1138a-c).
SCALESIAS	*Scale(n)sia S(...)*	BAREA *et al.*, 2008: n.º 46	–

Fig. 11 – Marcas da série epigráfica de Cerro de los Pesebres com a estrutura: Scale(n)sia + Cognomen.

rias *figlina*e da zona. Este tipo de comportamentos parece sustentar a hipótese avançada por vários autores, já há algum tempo, sobre a existência de equipas de artesãos itinerantes, que poderiam estabelecer algum tipo de contrato, ou inclusive sociedade, com os proprietários das olarias ou das *officinae* da região, sempre com um carácter temporário [2].

A evolução dos sistemas de marcação da *Scalensia* culmina com o prático desaparecimento dos *cognomina* na sua epigrafia em meados do século II d.C., depois de terem sidos os seus verdadeiros protagonistas durante o século anterior. A partir dessa data e até meados do século III d.C., data estabelecida para as suas últimas produções, a epigrafia da *Scalensia* foi monopolizada por membros de vários grupos familiares, documentados nas marcas pelos seus *tria nomina*, o que permite definir pelo menos duas fases de actividade distintas, cujo limite se pode situar num momento impreciso mas aparentemente logo após os meados dessa centúria.

Dentro dos grupos de marcas com a estrutura Scale(n)sia + *cognomen*, a marca Scalesiacalp é a única que até hoje foi possível datar contextualmente, de 70 d.C., motivo pelo qual pensamos ser em torno a esta data que deve ser balizada a série. Para os restantes grupos e exemplares, contamos actualmente apenas com datações relativas, ba-

[2] Sobre os tipos de contratos que se podiam estabelecer, ver as referências a esse respeito que apresentam alguns papiros egípcios de Época Romana comentados por Remesal Rodríguez (1991 e 2004).

seadas em critérios morfo-tipológicos, aferíveis a partir das ânforas Dressel 20 nas quais se encontram impressas as marcas, que atestam a sua utilização nas formas I, II e III deste tipo, abarcando um período de tempo compreendido entre a época Júlio-cláudia e Flávio-trajana (30/40-130 d.C.) [3]. Relativamente à Scalesiacre, as referidas afinidades com outras marcas da série permitem atribuir-lhe uma cronologia flávia.

[3] Para maior comodidade na atribuição dos fragmentos e das marcas às diferentes etapas morfológicas individualizadas para as Dressel 20, segue-se a proposta de agrupamento estabelecida recentemente por P. Berni Millet (2008: 64, fig. 1.): Forma I – júlio-cláudia (30-50 d.C.); Forma II – Nero-Vespasiano (50-80 d.C.); Forma III – flávio-trajana (80-130 d.C.); Forma IV – antonina (130-190 d.C.); Forma V – século III d.C.

É sabido que, no caso das ânforas romanas, o sítio onde se realiza a impressão da marca não parece obedecer a regras fixas, mas é também sabido que se tende recorrentemente a utilizar mais determinadas zonas do recipiente que outras, e também que estas variam em função dos tipos marcados, bem como das regiões produtoras e da sua tradição oleira / epigráfica. No caso das ânforas oleárias béticas do tipo Dressel 20, é sobejamente conhecido que o lugar preferido é a asa (*in ansa*), a zona de eleição por excelência para a estampagem das marcas, podendo mesmo ser utilizadas ambas as asas com uma mesma marca ou com marcas diferentes. A análise estatística simplificada, realizada a partir dos exemplares conhecidos bibliograficamente e catalogados / / disponibilizados na Base de Dados do Ceipac, permitiu concluir que 97,5 % das marcas documentadas em Dressel 20 se localizam nas asas (Berni Millet, 2008: 83).

A evolução morfológica e epigráfica actualmente (bem) conhecida para as ânforas Dressel 20 revela que, ao longo da história da sua produção, sofreram "modas" na forma de aplicação das marcas, que parecem corresponder a variadas situações (Berni Millet, 2008: 81). A localização exacta da marca na superfície das asas variou ao longo dos três séculos que abarcou o seu fabrico, em função das mudanças tipológicas que se realizavam no contentor e que se reflectiam directamente em todas as partes que o constituíam, conduzindo a alterações no que à secção, perfil, longitude e forma das asas se refere. No período Flávio-trajano, quando as asas são consideravelmente mais compridas e com um perfil mais recto, em forma de "bastão", é quando o texto da marca alcança a sua maior longitude e se desloca na asa, localizando-se na curvatura e estendendo-se pelo seu terço inferior (Berni Millet, 2008: 84). No entanto, mesmo estes traços, que frequentemente ganham contornos de identidade regional, também podem variar ao longo do tempo, pelo que devem ser entendidos como indicadores, como referências relativas e não definitórias (Berni Millet, 2008: 81-82).

4. A modo de consideração final…

Por último, gostaríamos de destacar a relevância do contributo do exemplar proveniente da Rua Silva Lopes em Lagos no que se refere ao conhecimento e à datação da marca Scalesiacre. Com base unicamente em afinidades epigráficas com outras marcas da série, tal como se comentou anteriormente, apontava-se o período Flávio, pelo menos, como provável momento da sua utilização.

Os aspectos puramente epigráficos pareciam adquirir uma maior solidez quando conjugados com outros de carácter estritamente morfo-tipológico. O exemplar de Mainz – publicado por J. Remesal Rodríguez (1997), posteriormente revisto por U. Ehmig (2003) e mais tarde coligido por R. Étienne e F. Mayet (Ceipac 14924) –, o melhor preservado e à data o único que se conhecia fora do lugar de produção, encontra-se impresso num exemplar com uma morfologia típica do período Flávio-trajano. À mesma variante tipológica pode ser atribuído o fragmento de asa recuperado na Rua Silva Lopes. No entanto, há que reconhecer o grau de fiabilidade inferior que apresenta uma classificação baseada num "simples" fragmento de asa.

Mas o exemplar de Lagos não só permite conjugar os vários aspectos actualmente em uso no estudo da epigrafia bética, concretamente os elementos epigráficos propriamente ditos e os elementos morfo-tipo-

Fig. 12 – Localização típica das marcas nas asas das ânforas Dressel 20: a) Júlio-cláudia; b) Flávia-trajana; c) Antonina; d) Século III d.C. (segundo Ehmig, 2003; citado por Berni Millet, 2008: fig. 32).

lógicos dos contentores onde se aplicam, como pode ser dotado de um contexto estratigráfico, aspecto de inestimável valor para datar a série epigráfica à qual pertence a marca, bem como o seu uso no lugar de produção.

A sua presença na camada [85] da sequência estratigráfica correspondente ao enchimento da grande fossa detrítica exterior à fábrica de salga, e o estudo das restantes importações anfóricas e cerâmicas finas de mesa e de cozinha importadas, permitem atribuir-lhe com bastante segurança uma cronologia Flávio-trajana, confirmando, desse modo, os dados tipológicos e os pressupostos analíticos epigráficos. Paralelamente, converte-se no segundo exemplar dos grupos de marcas com a estrutura SCALE(N)SIA + *cognomen* com uma datação contextual. Ao mesmo tempo, e não de menor importância, trata-se do primeiro caso documentado da difusão ocidental desta marca.

Bibliografia

ALARCÃO, J. (1988) – *Roman Portugal*. Warminster.

ARRUDA, A. M. (2007) – *Laccobriga: a ocupação romana da Baía de Lagos*. Lagos: Câmara Municipal.

ARRUDA, A. M. e GONÇALVES, J. L. (1993) – "Sobre a Romanização do Algarve". In *Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos / Instituto de Arqueologia, pp. 455-465.

ARRUDA, A. M.; SOUSA, E.; BARGÃO, P. e LOURENÇO, P. (2008) – "Monte Molião (Lagos): resultados de um projecto em curso". *Xelb*. Silves. 8 (I): 137-168 (*Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 2007*).

BAREA, J. S.; BAREA, J. L.; SOLÍS, J. e MOROS, J. (2008) – *Figlina Scalensia: un centro productor de ánforas Dressel 20 de la Bética*. Barcelona: Universitat de Barcelona (*Col•lecció Instrumenta*, 27).

BARGÃO, P. (2010) – "Monte Molião *cetariae* (Lagos, Portugal)". In *Acta 41 Rei Cretariae roman Fautorum*. Bona: Rei Cretariae roman Fautorum, pp. 345-351.

BERNI MILLET, P. (2008) – *Epigrafía Anfórica de la Bética, nuevas formas de análisis*. Barcelona: Universitat de Barcelona (*Col•lecció Instrumenta*, 29).

BONSOR, G. (1931) – *The Archaeological expedition along the Guadalquivir (1889-1901)*. New York. (tradução castelhana por G. Chic García e A. Padilla Monge: "Expedición arqueológica a lo largo del Guadalquivir", Ecija, 1989).

CIL XV = *Corpus Inscriptionum Latinarum XV. Inscriptiones urbis Romae Latinae. Instrumentum domesticum*. pars I, Dressel, H. (1891); pars II, fasc. 1, Dressel, H. (1899).

CLARK-MAXWELL, W. G. (1899) – "The Roman Towns in the Valley of Baetis between Cordoba and Sevilla". *Archaeological Journal of London*. 56: 245-305.

DANGREAUX, B. e DESBAT, A. (1988) – "Les amphores du dépotoir flavien du Bas-de-Loyasse à Lyon". *Gallia. Editions do CNRA*. 45 (1987-1988): 115-153.

EHMIG, U. (2003) – *Die römischen Amphoren aus Mainz*. Möhnesee: Bibliopolis (*Frankfurter Archäologische Schriften*, 4).

EHMIG, U. (2007) – *Die römischen Amphoren im Umland von Mainz*. Reichert Verlag Wiesbaden (*Frankfurter Archäologische Schriften*, 5).

ESTRELA, S. (1999) – "Monte Molião, Lagos: intervenção de emergência (1998) e problemas da gestão do património em sítios classificados". *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 2 (1): 199-235.

ÉTIENNE, R. e MAYET, F. (2004) – *L'huile hispànique. Corpus des timbres sur amphores Dressel 20*. Paris. 2 vol.

FABIÃO, C. (1993-1994) – "O Azeite da *Baetica* na Lusitania". *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 32-33: 219-245.

MANTAS, V. G. (1997) – "As *Civitates*: esboço da geografia política e económica do Algarve romano". In *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*. Lisboa: Ministério da Cultura, IPPAR, pp. 283-310.

PONSICH, M. (1979) – *Implantation rurale antique sur le Bas-Guadalquivir, II*. Paris: Publications de la Casa de Velázquez (*Sér. Archéologie*, III).

RAMOS, A. C. (2008) – "Novos Dados Sobre a Ocupação Antiga no Centro Histórico de Lagos. A intervenção da Rua 25 de Abril, n.ºs 53-55". *Xelb*. Silves. 8 (2): 87-98 (*Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 2007*).

RAMOS, A. C. e ALMEIDA, R. R. de (2005) – "O Complexo Industrial de Época Romana da Rua Silva Lopes. Principais resultados de uma intervenção de emergência no centro histórico de Lagos". *Xelb*. Silves. 5: 101-118 (*Actas do 2º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 2003*).

RAMOS, A. C.; ALMEIDA, R. R. de e LAÇO, T. (2006) – "O Complexo Industrial da Rua Silva Lopes (Lagos). Uma primeira leitura do sítio e análise das sus principais problemáticas no quadro da indústria conserveira da Lusitânia meridional". In *Produção e Comércio de Preparados Piscícolas Durante a Pré-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica (Simpósio Internacional em Homenagem a Françoise Mayet, Setúbal 7-9 de Maio)*. Setúbal, pp. 83-100 (*Setúbal Arqueológica*, 13).

RAMOS, A. C.; LAÇO, T.; ALMEIDA, R. R. de e VIEGAS, C. (2007) – "Les Céramiques Communes du VIe s. du Complexe Industriel de Salaisons de Poisson de Lagos, Portugal". In *IIe Congrès International sur la Céramique Commune, la Céramique Culinaire et les Amphores de l'Antiquité Tardive en Méditerranée: Archéologie et Archéométrie (Aix-en-Provence, 13-15 avril 2005)*. Oxford, pp. 85-97 (*BAR International Series*, 1662).

REMESAL RODRÍGUEZ, J. (1986) – *La Annona Militaris y la Exportación de Aceite Betico a Germania*. Madrid: Ediciones de la Universidad Complutense.

REMESAL RODRÍGUEZ, J. (1989) – "Tres Nuevos Centros Productores de Ánforas Dr.20 y 23. Los sellos de Lucius Fabius Cilo". *Ariadna*. 6: 121-153.

REMESAL RODRÍGUEZ, J. (1991) – "Die Erforschung der Werkstätten im Lichte der reproduzierten Inschriften". *Instrumenta Latina (Pécs 1991) Specimina Nova*. 7 (1): 157-176.

REMESAL RODRÍGUEZ, J. (1997) – *Heeresversorgung und die wirtschaftlichen Beziehungen zwischen der Baetica und Germanien. Materialen zu einem Corpus der in Deutschland veröffentlichten Stempel auf Amphoren der Form Dressel 20*. Stuttgart (*Materialhefte zur Archäologie in Baden--Württemberg*, Heft 42).

REMESAL RODRÍGUEZ, J. (2004) – "Alfares y Producciones Cerámicas en la Provincia de Córdoba. Balance y perspectivas". In *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II s.C. - VII d.C.)*. Oxford, pp. 349-362 (*BAR International Series*, 1266. 2 vols. *Actas del Congreso Internacional, Cádiz, 2003*).

TESTACCIO 2010 = BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J. M. e REMESAL RODRÍGUEZ, J. (eds.) (2010) – *Estudios sobre el Monte Testaccio (Roma), V*. Barcelona: Universitat de Barcelona (*Col•lecció Instrumenta*, 35).

VEIGA, E. da (1910) – "Antiguidades Monumentais do Algarve. Cap. V: Tempos historicos. Lacobriga". *O Archeologo Português*. Lisboa. 15: 220-222.

VIANA, A.; FORMOSINHO, J. e FERREIRA, O. da V. (1952) – "Alguns Objectos Inéditos do Museu Regional de Lagos". *Revista de Guimarães*. Guimarães. 62: 133-142.

VIANA, A.; FORMOSINHO, J. e FERREIRA, O. da V. (1953) – "De lo Prerromano a lo Árabe en el Museo Regional de Lagos". *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 26: 113-138.

VIEGAS, C. (2011) – *A Ocupação Romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Lisboa: UNIARQ (*Estudos e Memórias*, 3).

VIEGAS, C. e ARRUDA, A. M. (2013) – "Ânforas Romanas de Época Imperial de Monte Molião (Lagos): as Dressel 20". In *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 727-733 (*Actas de Congresso Comemorativo dos 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*).

[http://www.almadan.publ.pt]
[http://issuu.com/almadan]

uma edição

CAA
Centro de Arqueologia de Almada

[http://www.caa.org.pt]
[http://www.facebook.com]
[secretariado@caa.org.pt]
[212 766 975 | 967 354 861]
[travessa luís teotónio pereira, cova da piedade, almada]